

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

UMA NOVA APRESENTAÇÃO DE LAS CASAS. A ARTE CRÍTICA DE MENÉNDEZ PIDAL.

A primeira surpresa do estudioso ao iniciar-se na obra hispânica de ultramar, é a estrepitosa recriminação de Las Casas contra os espanhóis, admitida imediatamente pela mal intencionada crítica estrangeira. Apesar de defesas vigorosas e justas, revigora em povos protestantes, secularmente hostis à católica Espanha. Nos meios imparciais, consideram-se anuladas por sua própria insensatez, a **Destruição das Índias**, atribuída aos conquistadores, e as fábulas da **História Apologética**, que inventam índios angélicos; mas não faltaram espíritos impressionáveis para atribuir a causa do dominicano a um exclusivo apostolado de justiça, confundindo assim uma atitude tendenciosa de prevenção, com santidade. E eles mesmos, reiterando os ataques que o Bispo de Chiapa aplica à conquista, ajudam inconscientemente a reprovar uma das construções humanas mais admiráveis da História.

As leis ditadas no tempo dos Austrias e sob o domínio dos Burbons para proteger os índios da América e evangelizá-los, assinalam uma consciência hispânica de elevados princípios morais. Negaram sua aplicação, os que conheciam mal a história, porque hoje, epistolários do século XVI, de vice-reis e governadores, guardiães das ordens religiosas, juizes, bispos, cabildos e frades viajantes da América, revelam a constância e a vontade generosa com que a Espanha manteve na extensão de ambos continentes, um trato direto, afável, com o índio; e uma tradição de trabalho comum que assegurou, pouco a pouco, o desenvolvimento pacífico e a eficácia de sua obra. Esta unanimidade de ação, proclamam e defendem-na, prelados diretos da causa indígena, como Cisneros, Zumárraga, Betanzos, Motolínia, Ramirez de Fuenleal, Tomás de San Martin, São Toribio Mogrovejo, e muitos frades missionários que sem ser canonizados, foram com sua extremada dedicação evangelizadora, verdadeiros santos. Constituídos os poderes públicos, depois das lutas lamentáveis dos primeiros tempos, não só cuidaram eles próprios dos índios, mas os **encomenderos** ampararam-nos também contra os desatinos das tribos selvagens, às vezes antropófagas, que perseguiram as nações pacíficas.

As acusações de Las Casas, eram também freqüentemente falsas. Eclesiásticos como os do México e do Perú, já nomeados, desmentiram-no inculcando-o por informações injuriosas e incertas, sôbre o clero, as ordens, e as autoridades. Um teólogo famoso, Padre Vitória, prescreveu princípios de Direito dos Povos, pelos quais era lícito ocupar com certas condições, terras anteriormente conquistadas por tribos indígenas. Ao contrário, considerava im procedente invadir as que já pertencessem a eles. Punha mais exigência para que a conquista fôsse legítima, mas não negava inflexivelmente aos brancos civilizados, todos os direitos. A preocupação foi duradoura e obsorvente, tanto nos Conselhos de Govêrno da Espanha, como entre as autoridades do continente, prelados e missionários, mas para o recriminador pertinaz, tudo estava mal e era condenável. Parecia comprazer-se em dilacerar honras. Em suma, atrapalhou, pois onde pôs a mão, foram nocivas as consequências, como nas hortas, a geada e o granizo são nocivos.

Anos depois da catástrofe das “esporas douradas”, pretendeu que se declarassem caducas as **encomiendas** nos Vice-reinados do Perú e México, e se instaurasse outro regime legal, sem elas. Surgiu uma guerra cruenta porque o Imperador admitiu leis draconianas (1542): Tirar dos **encomenderos** suas terras e minas era tirar-lhes a possibilidade de subsistência. Sublevaram-se. La Gasca, enviado por Carlos V, venceu o líder, Gonzalo Pizarro, e conseguiu sufocar a rebelião, autorizando um **modus vivendi** conciliatório, semelhante ao anterior, e adequando à realidade humana (1550). Não houve contudo, aprovação legal até a chegada a Lima do Vice-rei. D. Francisco de Toledo, que com justeza, foi chamado por outro jurista, o Solón do Perú.

Com suas investigações no imenso vice-reinado de então, estruturou durante os doze anos de seu govêrno (1570-1582) um corpo de leis em grande parte opostas às que já havia preconizado Las Casas, e favoráveis quase sempre aos conceitos do Padre Vitória. Toledo viajou de Lima a Cuzco, e desta capital dos Incas, até Charcas; falou com os caciques e soube muito por eles, do trato dos Reis indígenas com as tribos dominadas, viu como se comportavam os espanhóis, como atuavam as ordens religiosas, como cumpria cada poder com suas obrigações, castigou a muitos, legislou, tomou parte nas deliberações das Audiências, intervindo nos problemas de taxas e salários, e foi finalmente até os chiriguanos para ensinar estes selvícolas indômitos a respeitar os espanhóis e a seus vizinhos, os

chanes. Esta inspeção de cinco anos não lhe pareceu suficiente, e por escrúpulo, enviou o capitão Pedro Sarmiento de Gamboa a diversas regiões do antigo Incanato, para receber dos lábios dos descendentes dos reis a narrativa direta das guerras e anexações por meio das quais se havia chegado a formar um império. Esta indagação tinha por motivo imediato corroborar ou desmentir a apologia dos índios, oposta por Las Casas às crônicas da conquista. Segunda ela, o índio aparecia com uma natureza suave e passiva, maltratado sem razão nem piedade pelo espanhol, e os incas, em troca, tanto na formação de seu império, como depois, davam aos indígenas, liberdade, sem impôr-lhes obrigação de trabalhar! Sendo êste, segundo Las Casas, o regime celestial que os invasores encontraram, tal devia ser o que correspondia à Espanha, aplicar nas Índias. Toledo pressentiu que êste quadro era enganoso e desumano, e Sarmiento de Gamboa captou em seus anos de andanças pelo Incanato, verdades inconciliáveis com o panegírico apregoado. Graças a informações diretamente obtidas das tribos incas, escreveu a **História Inca**, e as declarações por êle recompiladas, como as versões de outros cronistas anteriores a êle, rechaçam o inverossímil paraíso. Toledo enviou a Filipe II, em 1572, o resultado de suas próprias pesquisas e a história de Sarmiento da Gamboa, apoiada nas melhores fontes. Os incas eram idólatras, e de acôrdo com as declarações de centenas de testemunhas, de regiões distintas, não eram próprios da terra: haviam formado seu domínio com a lenta conquista de sete séculos, por fôrça de armas ou intimidação. De acôrdo com as normas do Padre Vitória, esta realidade tornava lícitos os propósitos da Espanha de ocupar a terra, sob obrigação de cristianizar e civilizar os índios.

Quis a má sorte que as Ordenanças de trabalho, ditadas pelo liberal vice-rei Toledo, assim como as suas informações e a **História de Sarmiento** e de outros cronistas fidedignos, ficassem soterradas em arquivos. Não foram conhecidas no continente europeu, e enquanto ressoavam, traduzidos em vários idiomas, os hinos de Las Casas enaltecendo os índios e acusando os espanhóis de perpetrar crimes e latrocínios, circulavam confirmando tudo, os **Comentários de Garcilaso**, publicados em 1605, em honra de sua raça materna, e por fôrça, astutamente hostís a quase tudo o que fizeram os brancos.

Sabemos muito bem, por crônicas do século XVI, e outras publicadas em fins do século XIX e no século XX, que os indígenas não eram calmos, humildes, pacíficos, castos e virtuo-

sos, nem vinham submeter-se com danças e alegrias, como os pintou Las Casas. Garcilaso apresentou os reis incas como redentores de natureza superior, benignamente dispostos a aceitar que as tribos bárbaras se acercassem para suplicar sua incorporação ao Império. Assim, êste teria se formado sem que fôsse necessário empregar a fôrça!...

Para exaltar seus antepassados maternos adotou a atitude de Las Casas, e proclamou-a até à extravagância. Ambos escreviam isentos de dúvidas porque usavam a imaginação como instrumento de sua vontade. O Inca teve a mirífica idéia de atribuir a seus parentes, os reis do Perú, uma missão idêntica a dos primeiros apóstolos. Tão grande é a audácia, que parece inverossímel. A virtude que atribui ao primeiro Inca, estende aos doze proclamando que “nunca” fizeram guerra senão movidos por alguma razão que lhes parecia suficiente como era a necessidade que os bárbaros tinham de que lhes reduzissem a vida humana e política”. Manco Capac e seus descendentes, guerreavam com milhares de seres, matavam a outros tantos ou aprisionavam-nos por zêlo apostólico e puros afãs pedagógicos! Não seriam já invasores sem direito, e sim vinham para redimir os pobres incapazes que povoavam o resto do continente!...

Com o tempo, a verdade que jazia nas tumbas falou, e o patrimônio peruano integral, reduzido pela astúcia de Garcilaso ao patrimônio inca, assomou resplandecente no século XX, graças às descobertas arqueológicas. Ao escavarem os cemitérios e descobrirem múmias, testemunhos de costumes e de manufaturas, obras de arte, etc., fêz-se claro que não houve **uma cultura isolada** mas vinte, que entregavam seus segredos à investigação do antropólogo. O resultado das escavações aniquilou desde as primeiras décadas do nosso século, a vã apologia de Las Casas e de Garcilaso. A maior cultura pertencia aos cinzeladores, entalhadores, tecedores, fabricantes de vasilhas de barro, cerâmicos, escultores, pintores e desenhistas das nações invadidas, desde Chavin, Chimú Recuay até Nazca e Paracas. Pode sintetizar-se esta realidade revolucionária, que cresce dia a dia, numa frase: as tribos anteriores aos incas, foram os helenos do Perú, e êstes guerreiros de excelsa organização social, os romanos do Império.

O progresso da Espanha com suas ideologias fecundas e seu conseqüente domínio da terra, poderia equiparar-se, no seu desenvolvimento incessante ao curso de um Amazonas vertical, do Pará ao Prata.

Falava Las Casas, de destruição em 1552. É de fazer rir. Em 1600, existiam na América mais de duzentas cidades, governadas por dois Vice-reis; nove Audiências administravam a Justiça; e serviam tanto aos fiéis como aos índios centenas de igrejas, conventos, doutrinas, colégios e hospitais. Convém, além disso, destacar um fato que indica a preocupação pela cultura superior que tinham os espanhóis: quatro universidades em Lima, México, São Domingo e Bogotá, e duas impressoras nas capitais dos Vices-reinados para imprimir catecismos e vocabulários em línguas indígenas, a fim de que os missionários e sacerdotes desempenhassem os cargos com eficiência. Corre o grande rio abrindo nôvo leito êle mesmo, e perde-se de vista na vastidão do continente. Cabe lembrar, por justiça, que os espanhóis não tinham experiência própria, tanto para orientar-se no contato com os indígenas, como para adotar soluções morais, implantar instituições adequadas e organizar a vida em comum; tiveram que resolver tudo sem precedentes que pudessem atenuar suas incertezas. A censura sistemática de obra tão prodigiosa, foi para muitos imperdoável malevolência, para outros, simples excessos de um defensor dos direitos humanos.

Testemunhos de prelados e frades do século XVI, como Montesinos, Betanzos, Motolinia, Zumárraga, Luís de Figueroa, Martin de Valencia, que viram atuar Las Casas, iluminaram os críticos sensatos. Autores de tôdas as nacionalidades, ganhos por sua tradicional atitude de protetor dos índios, defenderam-no, pelo que acreditaram ser amor à justiça. Entre êstes extremos da opinião universal, os indigenistas foram mais sensíveis à imagem de apóstolo criada por êle mesmo, do que às verdades das testemunhas da época com provas dignas de crédito, e apoiaram sua fé nas boas intenções da “seráfica-figura”.

E agora, quando as alegações de condenação ou de defesa se extenuam, desgastadas, assombra-nos Menéndez Pidal, com um estudo penetrante e vigoroso, no qual, afastando-se de tôdas as interpretações anteriores, sustenta que as inaceitáveis perorações de Las Casas, sua ânsia de ser protagonista e seu afã de contradição, derivam de uma doença mental.

Certamente, Dom Ramón aprendeu muito nos livros, que começam com Remesal, Quintana, Fabié, Serrano y Sanz y Carbia, e terminam com Zavala, Bataillon, Gimenez, Fernandez, Hanke e Perez de Tudela, mas os testemunhos primitivos (quase todos publicados por Izcabalceta) dos prelados, frades e sacerdotes já citados e outros, mostraram-lhe verdades ocul-

tas decisivas para julgá-lo. Conhecendo o material, chegou à conclusões que explicam a antinomia perceptível entre os proclamados ideais redentores de Frei Bartolomeu, e sua revolta contra o bem praticado por outros.

Examina em **Las Casas, a sua personalidade dupla**, seus excessos verbais, mas não se limita a extrair dêles um Juízo sôbre a intransigência, o absolutismo e a injustiça de tremendas acusações, e passa diretamente destas considerações, como um psiquiatra, à análise da psicose, capaz de engendrar em regiões invisíveis do ser, tão sustentada anomalia.

Certos cronistas e críticos, trataram dêstes aspectos de sua idiossincrasia, por cima e de maneira delicada, e de suas conclusões de **extravagância, avultamento, desequilíbrio, insensatez, falsidade**, etc. Mas o livro em questão apresenta o **opus magnum** de um consumado historiador-psicólogo, que para confirmar a veracidade de sua intuição, esmiuça para o leitor as atitudes de Las Casas, explica suas conseqüências na história das idéias jurídicas e morais de seu tempo, determina seu diagnóstico, a origem e a natureza do mal, e finalmente, evidencia a falta de ligação entre a personalidade evocada e sua fama.

O autor recorre à vida do dominicano (1474-1566) e à agitada etapa do nascimento do outro mundo em que lhe coube atuar, e dos fatos, das afirmações escritas ou referidas, dos combates ideológicos ou materiais, triunfos e ânsias frustradas, extrai com equilíbrio, superioridades e taras. O exame seria contudo superficial, se ao analisar a trajetória dos ambientes que atravessou não tivesse executado com sua vigorosa dialética, e contundente crítica, uma espécie de dissecação do espírito de Bartolomeu de Las Casas, da qual se conclui que suas exorbitâncias provinham de um desequilíbrio do mecanismo cerebral denominador comum de suas fobias e exaltações. Descrita a façanha, é preciso mostrar como o talentoso mestre sustenta revolucionária solução. Não é novidade que um autor de tantos livros que o definissem, fôsse perito na arte que trata das mentes sãs ou perturbadas; revelaram-no as sutilíssimas análises de situações difíceis, e os retratos magistras de personagens da História. Mas ao enfrentar-se com Las Casas, suspeitou de que a psicologia não bastava para dar solução ao problema que divide a crítica universal, e dirigiu-se à psiquiatria. Comparando neste domínio, as características das mentes defeituosas, com modalidades que sobressaem em Las Casas, descobriu que estas últimas concordavam com as que na psiquiatria, se revelam na **paranóia**. Nesta psicose, refletem-

se o culto exaltado do eu; o delírio da grandeza, a mania de perseguição e a fobia de acalentar o afã de vingança, contra quem tivesse a ousadia de desmentir o enfatuado e irracional obeso. Por isso Menéndez Pidal não se preocupou tanto em **refutar** como os demais críticos, as fabulosas interpretações e atitudes de Las Casas e aplica-se em desentranhar os traços de caráter capazes de explicar a origem vulcânica das “enormidades” e “monstruosidades” de seu biografado. É um juiz de excelsa probidade. Enuncia os problemas que Las Casas criou, recorda as lutas que os elogios lhe atribuem e os pareceres brancos ou negros dos biógrafos. E desde as primeiras páginas assevera que o Padre, contrariamente ao que pensaram os críticos, não era impostor, nem malévolo, nem santo, e sim paranóico. Esta maneira de relacionar circunstâncias atenuantes, não deixa de ter dois aspectos, e é surpreendente o contraste dos estragos causados à História pela sua veemente mordacidade, com a sentença relativamente decisiva de irresponsável. O autor compreendeu, lendo tudo, a situação dos críticos sinceros, mas contemporizadores, e assevera:

“para desculpar a total falta de caridade, a falsidade monstruosa e contumaz num homem de vida religiosamente ascética, não é necessário recorrer ao ardid da falsidade, praticado por Quintana e por todos os demais biógrafos, e sim, à única explicação possível: a enfermidade mental”.

Este é o diagnóstico.

Imediatamente, e com a minúcia de quem trabalha com microscópio, estuda os elementos que formam o paranóico:

“não é um louco, diz, não é um demente privado do raciocínio normal, tôdas as suas manifestações são normais, salvo as relacionadas com uma idéia fixa, preconcebida, que são detalhadamente falsas, sistematizadas para adequá-las ao preceito”.

Esta é a convicção, e como é natural, converte-se ao ser aplicada, em teoria:

“A idéia fixa de Las Casas, muitas vêzes repetida, a que prevalece em todos os seus escritos, mas que não acredito tenha sido levada em conta por nenhum biógrafo, é a de que todos os feitos nas Índias, por Colombo, e por todos os espanhóis, são diabólicos, é preciso anular tudo e tornar a fazer novamente, enquanto que o que é feito pelos índios, é bom e justo”.

Esta solução nova, não parte de um inimigo; quem isenta-se de responsabilidade por uma psicose, não pode ser condenado, é impune, nem sequer merece severidade. Tampouco lhe correspondem as exaltações que recebeu e recebe, porque seu desumano ideal redentor, se serviu em alguns casos de freio, causou mais ódios e mais choques sangrentos, do que estímulos.

O livro inteiro é a prova do que denunciou nas páginas preliminares; e no desenvolvimento, recupera uma franqueza generosa e nobre; um anelo elevado de difundir verdades que sejam capazes de iluminar as controvérsias, que fazem de Las Casas, alternativamente, um ser diferente. Menéndez Pidal, submete a exame: ditos, atos e teorias do Padre, destaca seu hábito de escrever em detrimento de alguém ou de alguma coisa, oferece exemplos da natureza de suas apóstrofes e imprecações, recalca a vanglória que o fazia crer-se eleito de Deus, sua inexorável propensão à insubordinação, e logo aquilata as versões de críticos passados e presentes. Admira muitos dêles, e comenta-os com sua habitual retidão, mas discorda de todos em alguma coisa, e assim tinha que ser, pois há tanta diferença entre as pesquisas dos melhores e as suas, como entre o primeiro vôo de helicóptero e o do primeiro **Sputnik**. Teorias de elevação desigual reclamam sustentáculos de potência diferente para o pensamento. Possuindo plenamente o tema, explica que não se confunda sua probidade e suas conclusões, com fobia anti-lascasista ou com um afã tendencioso de patriotismo para reafirmar a obra da Espanha na América. Sua nova interpretação é o epílogo de um longo e doloroso problema mal focalizado, e sua maneira de ver e de proclamar com rigor justo e penetrante, confere ao livro uma hierarquia de alto grau. Ninguém, que se saiba, deu ao egocentrismo de Las Casas, a importância fundamental, que permite atribuir à exaltação do seu “eu”, as fábulas e fantasias que enevoavam sua visão. Em suma, — diz — todo relato autobiográfico de Las Casas deve sofrer o desconto talvez de 80, ou de 100 por cento, por causa da mania protagonista que domina o autor. Fazer a avaliação do valor moral e político de Las Casas, refletindo cegamente o exorbitante engrandecimento do “eu” de que êle padece é faltar à exigência mais elementar da crítica.

“Isto quer dizer que antes de admitir sua autoridade, deve-se confrontar as expressões que saem de seus lábios com outras, menos propensas ao exagêro”.

Las Casas foi muito infeliz na aplicação de suas teorias, provavelmente por serem descabidas. Dirigia admoestações a Reis, ao Imperador, a Conselhos de Govêrno, Audiências, Vice-reis, Bispos e outros prelados, e da altura em que se colocava por estar tão certo de que seus planos eram perfeitos e preferíveis aos demais, parecia superior. Não obstante, tudo que empreendeu frustrou-se porque seu sentido crítico jazia falseando, em sua mente. Vive a lembrança de suas sugestões, como protagonista verbal, e também deixa recordações dos dramas que ocasionou. Em troca, permaneceu na obscuridade, a ação recalçada dos missionários na selva e no deserto, no meio de índios difíceis de civilizar. Diz bem Menéndez Pidal:

“A biografia de Las Casas não deve ser feita num esforço contínuo de ver as teorias e práticas dos principais missionários da época, as suas aspirações contrastadas na realidade total da catequese de seu tempo”.

Conselho sabido para todo historiador: desconfiar das propostas estridentes e arbitrárias do dominicano em favor da supressão total das **encomiendas**. Contra sua visão estreita e sua intransigência, prelados e evangelistas autênticos, como Valencia, Motolínia, Figueros, Betanzos, Montesinos, Juan de Zumárraga no México, teólogos na Espanha, como os Padres Vitória e Sepúlveda, opuseram-se à anulação das **encomiendas**, pois se os espanhóis voltassem atrás, se extinguiria a obra social e religiosa iniciada, e os índios voltariam à vida primitiva e idólatra. Aconselhavam a estabelecer auxiliares perpétuos, criar protetores de índios, e permitir a fusão de ambas as raças. Uma informação dirigida por pregadores a Carlos II advertia:

“se alguma cidade ficasse sem repartir, os espanhóis nunca ali iriam e os índios só com frades não se converteriam; é necessário unir os dois povos, o infiel e o cristão, contraindo matrimônio uns com os outros, como já se começa a fazer”.

Assim, por causa das **encomiendas** herdadas, estendeu-se paulatinamente na América, a mestiçagem; progrediu a civilização e cresceram os povos sem problemas raciais. Como escreveu Zumárraga, esta maneira humanitária de incorporar índios, como familiares, foi estímulo para que o dono cuidasse da terra como própria, e introduzisse melhoras. Estes princípios não eram teóricos. O Bispo citado viveu entre os índios, e fundou colégios para cada sexo, introduziu a imprensa, ins-

pirou publicações em língua mexicana, e trouxe artesãos da Espanha. Menéndez Pidal, admirado ante a obra insuficientemente difundida dêste santo varão, acrescenta que:

“quando a critica histórica possa livrar-se definitivamente de exclusivismos no elogio, será estimada como a obra missionária maior e mais fecunda, realizada em favor dos índios”.

Nada é mais exato e é fácil verificá-lo hoje com os milhares de cartas de frades de tôdas as ordens religiosas a seus superiores na Espanha ou na Itália, e publicadas agora. E’ a prova detalhada de sua ação nos menores rincões de ambos continentes. Foram êles a verdadeira salvação dos índios. Las Casas gritava-lhes: “Animemo-nos e ide”.

Foram partiidiárias das **encomiendas**, as autoridades do México e também do Perú, tanto religiosas como civis, com excessão do confuso Blasco Nuñez Vela, que devia seu cargo a Las Casas, e pagou com a vida a aplicação das absurdas **Leis Novas** de 1542. Como destaca o autor

“era senão o instrumento mais perfeito, o único possível para incorporar à civilização ocidental, as inumeráveis raças de todo um continente”...

e da obstinação tenaz de Las Casas deduz que

“era um cego para a realidade, como um imaginador de planos quiméricos”.

O ditado: “Não há Índias sem índios”, era filho da experiência. Temos a prova em dois fatos, um de que o Vice-rei Antônio de Mendoza, no México, deixou a ordem imperial suicida na gaveta de seu armário, e o outro, de que o pacificador La Gasca, depois de dominar pelas armas, no Perú, a sublevação de Gonzalo Pizarro, causada por Blasco Nuñez Vela, repartiu conquistas de novas terras e nos despachos, ordenava a fundação de cidades e a distribuição de **encomiendas**. Estamos longe da tese de Las Casas, segundo o qual:

“O Rei da Espanha não tinha mais título, nem missão nas Índias, do que a pregação do Evangelho”.

Tinha direitos que havia outorgado o Papa, os únicos desta época, fora as restrições prescritas em 1539 pelo Padre Vitória.

A **Destruição das Índias**, escrita entre 1542 e 1546 e publicada em 1552, parece uma vingança de Las Casas para demonstrar as terríveis conseqüências de não ter sido obedecido. Revela sobretudo uma incompreensão patológica da realidade da época.

Em **Dom Francisco de Toledo e seu tempo**, onde comentei as lutas espirituais dos teólogos, escrevi que se os espanhóis tivessem matado como imagina Las Casas, 15.000.000 de índios em 45 anos, teriam que matar 375.000 por ano ou seja, mais de 1.000 por dia, sem descansar nem um instante! Sua conta é a de uma imaginação enfermiga. Outras invenções dêste tipo somam-se a esta. Menéndez Pidal aceita, quando julga a obra:

“um libelo acusatório sem valor doutrinal nem historiográfico” e acrescenta que “revela expressamente uma anormalidade mental...”.

Quem o ler, não tardará com efeito a reconhecer que o autor transforma a generosa obra da Espanha numa tarefa aniquiladora.

Muitos críticos viram os exageros, e acreditavam-nos feitos de propósito para impressionar ao César. Por isso, falaram de falsidades, mas não lembro de que alguém tenha invocado jamais como etiologia dos infinitos desvarios de seus escritores, um mal permanente, de origem cerebral. Por êste motivo, enquanto êles acusam, Dom Ramón retira a responsabilidade, sustentando que Quintana não tem razão, quando imputa a Las Casas “os engenhos da falsidade” pois a seu modo de ver,

“Las Casas não tem intenção de falsear os fatos, mas os vê falsamente; quando com propósito argumental recebe um dado objetivo, adultera-o por um impulso incontrollável, fazendo-o sofrer um aumento de quantidade e de qualidade”.

Mas, adiante condensa assim sua afirmação:

“Êste homem piedoso, que não acredita profanar o nome de seu Deus tomando-o para certificar a veracidade das mais descabidas hipérboles, não nos é compreensível senão vendo nêle um paranóico, cujo delírio sistematizado constrói-se fatalmente sôbre uma convicção falsa”.

O autor estabeleceu um paralelo entre a **Destruição** e a **História Apologética**, e em ambas encontra “o processo deformatório da mente lascasiana”. Define-o com notável precisão:

“A **Destruição** é um catálogo dos crimes costumeiros dos espanhóis; a **Apologética** é uma exposição das inefáveis virtudes dos índios; a **Destruição** consistia num exagêro total sôbre crueldades espanholas levadas ao impossível, monstruoso; a **Apologética** é um exagêro total sôbre as excelências dos índios elevadas ao excelso inacreditável”.

As duas obras servem como provas de que Las Casas sempre exagerava e deformava seus escritos quando falava da conquista, e de que nada é nelas pela sua aridez, como foi a realidade. A maioria dos críticos comentou suas obras, conheciam-no pelo amor aos índios contra os espanhóis, e então qualificavam de conscientes e malvadas suas manifestações, e injustos os elogios; acusavam-no de ter modificado tudo. Tirando Menéndez Pidal sua responsabilidade pelos atos, continuaram as caricaturas, mas despojadas de todo valor histórico. E ressalta assim o fato:

“Não é possível pensar que Las Casas falseie tendenciosamente a verdade de propósito, confiado na falta de sentido crítico no leitor; trata-se da inevitável falsificação dos dados na sua mente paranóica, quando os dados se relacionam com o preceito estabelecido”.

Confirma assim no final de seus estudos, um dos pontos principais das páginas preliminares:

“Las Casas desfigura tudo o que se refere às duas obsessões de sua vida: os conquistadores e os índios”.

Outro sintoma de megalomania que o autor descobre em Las Casas é a irrefreável vanglória de si mesmo, que sobressai em seus escritos, seus discursos e sua vida. O orgulho cresce, suscita a vaidade, logo um delírio de grandeza, e nasce sua inseparável companheira: a mania de perseguição. Não se limita a ponderar em forma presunçosa suas próprias virtudes, façanhas e valores; desdobra-se em egolatria e se ensoberbece a ponto de apresentar-se como eleito de Deus. Adverte muitas vezes, que um dos favores recebidos por êle do céu, é o castigo de seus inimigos.

“Deus o protege especialmente — escreve — pois se permite que alguns façam desfeitas ao Clérigo (assim se denominava êle mesmo) é para fazê-los pagar tudo na outra vida, e também nesta, fá-los infelizes”.

Comenta o autor esta fé na insólita predileção divina dizendo:

“...não indica ter mente sã aquêle que proclama vaidosamente seu alto destino providencial”.

Descobre-se nêle a cada passo, testemunhos de delírio, de grandeza. Assegura, inflamado, aos rebeldes de Chiapa em 1563:

“não ter dado Deus a qualquer homem vivo ou morto de que tivesse conhecimento de fato e de direito, senão a mim, nas coisas destas índias”.

No fim de seu penetrante estudo sôbre êste ponto, diz Menéndez Pidal:

“alçou-se ante o público, como o guia **único** da estrita justiça, no govêrno das índias, e **isto**, não o foi. Perante os homens de espírito reflexivo, Las Casas encontrava-se em descrédito pelos seus excessos e suas utopias, os governantes responsáveis prescindiram por completo da moral e da justiça lascasianas”... Não foi o Clérigo — frade, um pensador, foi um propagandista. Foi um efficacíssimo propagandista de idéias ineficazes...”.

Êste é o lado **débito** da conduta derivada de uma anomalia incurável, mas Menéndez Pidal é demasiado justo para não proclamar também o **haver**. Êste se personaliza na repercussão do rigorismo moral de Las Casas, na atitude protetora da Côrôa, nas Leis, no trato de **encomendero** como o indígena. Até à sua morte, foi ouvido pelo piedoso Filipe II e os que, da América, queriam ser atendidos na Côrte, enviaram-lhe queixas muitas vêzes caluniadoras, mas outras, eram a seu pedido examinadas, e êle servia assim, de freio aos excessos, e de veículo da Justiça.

Esta conduta deu-lhe fama, se bem que menos que as traduções da **Destruição das Índias** aos idiomas principais da Europa! Obra que “cumpriu sua missão de escândalo”.

Êste livro de apenas 400 páginas está longe de ter avaliado tudo o que em Las Casas necessita sê-lo. Gravitou na opinião pública da Europa e da América, e o continua fazendo na bibliografia, cada vez mais qualificada. Além disso, eliminou famas, e apesar de ter sua hostilidade nascida às vêzes de confusões pessoais, continuam aquelas, nocivas. Parece ter chegado a hora de reabilitá-las e fixar em cada uma das atitudes, escritos e pronunciamentos do Padre, o grau de autenticidade

e o valor ético e histórico que lhes corresponda: E' longa a tarefa, e se é alcançada, alguma vez, a vitória, será pela cooperação intelectual. Por isso, seria desejável que a nova fórmula do mestre se elucide num Congresso de História Hispano-Americano. Seria também uma oportunidade para que os historiadores cumprissem com sua dívida de gratidão por tão admirado e bem sucedido esforço.

ROBERTO LEVILLIER